

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

**O DESAFIO DE PLANEJAR: MEMÓRIAS DA EXPERIÊNCIA DO ENSINO DO
BASQUETEBOL¹
THE CHALLENGE OF PLANNING: MEMORIES OF BASKETBALL
TEACHING EXPERIENCE**

Gabriele Panke Scheleski²

¹ XIX Jornada de extensão

² Aluna de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUI.
Contato: gabriele.scheleski@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Todos temos alguma história que nos é marcante. Que se tornou referência para nossas vidas, seja de maneira positiva ou negativa. Alguma história que produziu um significado e que hoje é experiência.

Segundo Larrosa, o homem é a própria palavra. É humano porque possui linguagem e esta forma de comunicação deve ser exposta, deve ser pensada e que isto é o próprio modo de viver dos sujeitos. Assim, é preciso exteriorizar em formas de palavras as experiências que temos, as experiências importantes, que podem em algum momento, contribuir para a evolução crítica dos sujeitos.

Larrosa (2002) sugere que pensemos a educação a partir das experiências e dos significados gerados por ela. Tal como o autor descreve, “pensar [...] é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (idem, p. 20). De acordo com ele “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (idem, p. 21). É o que nos faz pensar, refletir, ouvir atenciosamente, o que gera sentido, o que significa. É, “suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender na lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (p.24).

Relatar um experiência é portanto significar. É dar sentido a si mesmo a partir da reflexão. É então, permitir transformar-se e transformar. Em suma, apoiando-me nas teorizações elaboradas por Heidegger,

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma [...]. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987 apud LARROSA, 2002, p. 25).

Esta escrita tem como foco refletir sobre as práticas de planejamento em momentos que essa

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

tarefa requer um olhar crítico e reflexivo para adaptá-la a fim de continuar dando sentido para ela. Ou seja, pensar o planejamento em uma perspectiva popular a partir de um relato de experiência.

METODOLOGIA

Conforme Larrosa (2002, p. 19) “a experiência já não é o meio desse saber que forma e transforma a vida dos homens em sua singularidade, mas o método da ciência objetiva, da ciência que se dá como tarefa a apropriação e o domínio do mundo”. Nesse sentido, a sistematização de experiências tal como descreve Falkembach (1997, p. 37) é “um processo que permite a melhor compreensão a respeito do seu estar no mundo, enquanto os leva à recuperação histórica das práticas sociais[...], partículas de vida, porém intencionadas e dotadas de capacidade de gerar o novo”. Assim, a sistematização de experiências em forma de escrita refletida, converte-se em objeto e metodologia de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Eventualmente, gostaria de compartilhar uma experiência com o caro leitor ou leitora, a qual me fez refletir e repensar algumas práticas pedagógicas. Em meu processo de formação inicial como docente, algumas situações foram determinantes e significativas. Uma delas refere-se as propostas de trabalho de campo durante a graduação na licenciatura em Educação Física, a qual escolhi para contar-lhes, analisa-la e compreende-la.

Em alguns momentos da graduação, ir ao encontro de escolas, professores e turmas que se habilitem a receber um acadêmico por um período curto de tempo é complicado, ainda mais quando há um tema de ensino/trabalho bem específico, o qual pode não estar de acordo com a proposta curricular para o trimestre escolar. Em uma dessas propostas providas do componente curricular da graduação que possui centralidade no ensino de esportes de invasão com ênfase no basquetebol, transcorreu a atividade avaliativa de trabalho de campo que consistia em ensinar tal esporte. Em meio as buscas por escolas que oportunizassem o meu acesso como “estagiária” por apenas oito aulas de Educação Física ensinando basquetebol, encontrei uma escola da rede pública municipal de ensino e a uma turma do oitavo ano disposta a me receber.

Em meio as observações diagnósticas da escola e da turma, deparei-me com duas situações extremamente desafiadoras: primeira, a escola não possuía cestas de basquetebol; segunda, os alunos não tinham a mínima noção do esporte mesmo estando encerrando o ensino fundamental. Ainda, houve o agravante de eu não gostar da modalidade esportiva e, portanto, não saber jogar muito bem. Porém, tais empecilhos não impediram a concretização da tarefa eficientemente porque havia um planejamento que foi pensado detalhadamente e adaptado frente a realidade encontrada.

Mas qual seria o significado do planejamento neste desafio de ensino? O que tem de tão importante nesta narrativa e o que quero dizer com isso? O fato é que a ação de planejar foi de suma importância para ministrar as aulas. Sem um planejamento adequado, sem refletir sobre a realidade do contexto da escola e dos educandos, não seria possível ensinar com eficácia. Com o intuito de programar previamente quais seriam os objetos de ensino a partir da organização de uma unidade didática, até o passo a passo da aula que serviu-me como apoio nas orientações e sequências de atividades simples até as mais complexas, o planejamento na perspectiva popular

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

foi a bússola que apontou a direção correta para concluir cada aula com êxito.

Planejar na atividade docente pressupõe uma clareza de intencionalidades. Ao planejar, construímos ativamente uma previsão, uma calculabilidade de controle, de estratégias e de participação. É uma alternativa diante de escolhas, porém, essas escolhas nem sempre são as mais adequadas e por isso são suscetíveis a não darem certo.

A imprevisibilidade das condutas na sala de aula, tanto do professor quanto dos alunos, o contexto em que o planejamento é praticado, torna essa tarefa docente incerta. Diante disso, fica a dúvida: se o planejamento é incerto, para que o tê-lo? Responderei. A atividade docente e o ato de ensinar não podem ter como referência a improvisação. Ensinar não é um simples improvisar.

Nesse sentido, afirma Ferreira (1983, p. 22) “a ação que não depende de ser pensada é automaticamente uma ação improvisada, não planejada. E um planejamento que independa da ação nem sei o que é”. Claro que não sejamos tão generalizadores, em alguns momentos será necessário criar imediatamente algo que corresponda a uma situação que não havia sido considerada previamente, porém, o fundamento do ensino não pode ter naturalizado a improvisação.

Assim, se você está realmente interessado em chegar aos objetivos previstos, você não pode, depois de começada a ação, passar a improvisar na solução dos problemas que começam a surgir [...] na consideração de situações inesperadas que sua capacidade de previsão não pode identificar previamente. Se a partir desse ponto você começar a improvisar, a coisa vai por água a baixo (idem, p. 18).

Ferreira também destaca a importância de manter um planejamento contínuo e muito bem organizado e preparado, assim como, aponta que tal ação deve ser acompanhada rigorosamente a fim de revisá-la, corrigi-la e critica-la. Dessa forma, compreende-se que o planejamento é algo que antecede a ação, à norteia durante a prática, mas, para a sua continuidade depende de um processo reflexivo de quem o faz.

O planejamento na perspectiva da educação popular foi o ideal para o ensino do basquetebol no caso narrado. Tencionando o objeto de ensino com a realidade dos educandos, foi possível motivá-los a aprender algo que anteriormente não era visto como possibilidade devido a infraestrutura da escola, ou seja, mesmo sem as cestas de basquetebol foi possível ensinar este esporte na escola. Assim, articulando o plano de aula com os saberes científicos a ensinar e com os saberes dos alunos a fim de problematizá-los e questioná-los sobre os motivos que impedem ou possibilitam novas práticas pedagógicas na escola, foi possível em conjunto com os educandos buscar novas alternativas que possibilitassem seus aprendizados na modalidade esportiva trabalhada.

De fato, com a avaliação diagnóstica final, foi possível concluir que os alunos evoluíram rapidamente e realmente se apropriaram dos conhecimentos que envolviam a modalidade. Ainda, os educandos conseguiram vislumbrar a oportunidade de conhecer novos esportes mesmo sem ter a estrutura e materiais necessários, pensando em maneiras de adaptá-los e recriá-los.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sistematização de experiência, portanto, promove a aprendizagem e encoraja a produção de novos conhecimentos de todos os envolvidos no processo. Promove, conseqüentemente novas reflexões e pode ressignificar saberes. Nesse sentido, educação deve ser uma prática libertadora e emancipadora. Planejar sob a perspectiva popular promove isso.

Essa curta narrativa demonstra que não há investimentos efetivos no componente curricular de Educação Física, seja pela própria escola que pode não realizar tais solicitações ou então ao próprio auxílio financeiro do poder público municipal que pode não estar repassando os valores. Entretanto, talvez se houvesse material suficiente, um espaço adequado corretamente para o esporte, os alunos não tivessem aprendido da mesma maneira, ou seja, por não possuir uma estrutura adequada, a própria prática esportiva das aulas esteve de acordo com a realidade das comunidades em que esses alunos viviam, o que fez com que as aulas tivessem um significado maior para esses educandos.

Palavras chaves: *Intencionalidade pedagógica; Planejamento; Reflexão.*

Keywords: *Pedagogical intentionality; Planning; Reflection.*

REFERÊNCIAS

FALKEMBACH, Elza M. F. Sistematização: potenciando práticas sociais. **Espaços da escola**, ano 4, nº 23, p. 35-42, Jan/Mar 1997.

FERREIRA, Francisco W. **Planejamento sim e não: um modo de agir num mundo em permanente mudança**. RJ: Paz e Terra, 4ªed. 1983.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, nº 19, p. 20-28, 2002.